

UMA ABORDAGEM SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR

Sarah Suely Silva¹
PMCG/PB
sarahwk3260@gmail.com

Maria Aparecida Fernandes Medeiros²
UVA/UNAVIDA/PB
professora_aparecida@yahoo.com.br

Gilvânia Wanderley de Andrade Ribeiro³
PMCG/PB
Gil.jesuschristo@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa empírica que teve como objetivo explorar, a partir de uma análise teórica, o ambiente escolar como espaço de estudo das relações de gênero, as relações interpessoais entre docentes e discentes, e saber identificar situações-chaves que possam atribuir a violência de gênero. Os teóricos estudados para esse estudo são Durães (2012), Dinis (2008) e Ávila (2011) entre outros. A metodologia de trabalho está centrada na consulta a artigos científicos encontrados em revistas eletrônicas e anais de congressos que usufruem da temática de gênero, vídeos de palestras de professores da área como Constantina Xavier Filha e um estudo de campo realizado em uma escola da rede municipal de Campina Grande (PB). Os resultados obtidos apontam para uma discussão que considera fundamental que professores e professoras em sala de aula tenham a abertura para compreender as diferenciações entre gêneros que há na sociedade para assim saber agir diante de repertórios e situações que menosprezem e deem esse valor de submissão da mulher na sociedade.

Palavras-Chave: Escola, Gênero, Formação de Docentes, Construção Social.

¹ Pedagoga, com Habilitação em Supervisão Escolar (UEPB); Pós-graduada em: Supervisão e orientação educacional; Gestão e Análise Ambiental e Educação Ambiental. Atualmente atua como Supervisora Educacional da PMCG/PB

² Mestre no PPGFP – Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da UEPB. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Aberta Vida UNI/UNAVIDA.

³ Pedagoga com formação em pré-escola pela UEPB, Psicologia clínica pela UEPB em Educação Infantil. Atualmente atua como professora da Sala de Recursos Multifuncionais da PMCG/PB

INTRODUÇÃO

O volume de atenção que a temática de gênero vem sendo abordada nos últimos anos, estampando opiniões e discursões nos vários veículos de informação e comunicação, como os jornais, revistas, rádios, telenovelas, filmes, documentários etc. especula-se que haja um diálogo mais aberto e contundente sobre essa temática na sociedade contemporânea. Este diálogo, muitas vezes, é interrompido quando se defronta diante de uma estrutura cultural preconceituosa, ou seja, diante de uma sociedade que julga o próximo pelas suas diferenças ao invés de seu caráter, onde o ser humano passa a ser distinguido a partir de estereótipos pré-moldados e inquestionáveis, ao invés de seu papel como ator social.

Um dos ambientes representativo de uma sociedade é a escola; é nela onde os muitos se misturam, se constroem e se reconstroem, é aonde as relações pessoais e interpessoais conseguem ser tão evidentes a ponto de se poder realizar uma análise sobre posturas acadêmicas, profissionais e pessoais em um mesmo tempo, com uma pluralidade de intervenções. Dentro desse, universo escolar, podemos criar uma análise das relações de trabalho e serviços, presentes nos comportamentos e direcionamentos principalmente na prática pedagógica em si.

Embora muitos enxerguem esse papel nos professores e professoras em sala de aula, não é de um todo que se pode fazer quando tocamos na cultura e tradição que cada indivíduo constrói no decorrer de sua vida, existem determinados tabus na sociedade que impedem a interferência dos docentes em sala de aula, e é sobre esses tabus que muitos profissionais na sala de aula empregam a continuidade de intolerância e preconceito por determinados grupos sociais.

Entre vários grupos que se tornam vítimas do pré-conceito social, que acabam por também serem refletidas no ambiente escolar, podemos citar o sexíssimo, homofobia e misoginia. Esses e tantos outros grupos, são marcados pelo preconceito derivado da falta do conhecimento sobre os determinados temas que os identifica, condicionando assim a uma má interpretação do que se é dito. Quando emprega-se o termo gênero em um discursão, para muitos, é impor uma postura única voltada a sexualidade e orientação sexual dos indivíduos, quando na verdade se trata de algo mais complexo e discutível.

A professora da UFMS, Constantina Xavier Filha explica que devemos pensar em gênero não como aspecto biológico, mas sim, como categoria analítica. Conceito que outrora

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

ganhará força e espaço, inicialmente, com a difusão com os movimentos sociais, principalmente nos movimentos feministas. Onde este, toma força nas décadas de 1970 e 1980 dentro das universidades quanto espaço de diálogos que priorizam o debate acerca dos direitos e papéis adotados pelas mulheres na sociedade. Então discutir gênero seria pensar na questão da construção social feita a partir das diferenças sexuais (YOUTUBE, 2011).

A professora Guacira Lopes Louro, corrobora com a seguinte afirmativa: ‘diferenças sexuais’ são representadas ou valorizadas, refere-se àquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, no âmbito de uma dada sociedade, num determinado grupo, em determinada contexto (LOURO, 2000).

Dessa forma os traços a respeito das masculinidades e feminilidades se apresentam e tomam formas de caráter normativo, essas normas então passam a fazer parte das distinções entre gêneros na sociedade.

Como podemos identificar a escola nesse cenário? Onde podemos introduzir seu papel social de formar cidadão e cidadãs? Qual a abordagem sugerida para criar um bom desempenho diante das subjetividades encontradas dentro da própria escola? Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é explorar, a partir de uma análise teórica, o ambiente escolar como espaço de estudo das relações de gênero, as relações interpessoais entre docentes e discentes, e saber identificar situações chaves que possam atribuir a violência de gênero.

As práticas educativas fazem parte deste enredo, e reflete o quanto as distinções de gênero implicam no dia-a-dia de um professor de uma professora e seu corpo discente. Neste ponto evidenciamos a necessária interação entre docente/discente em sala de aula, poder identificar a sala de aula que se está abordando e seus indivíduos também é estratégia ao combate de pré-conceitos na escola, encontrar meios que possam minimizar ou sanar ações provocadoras a determinados preconceitos.

O espaço escolar pode se tornar um local de total repressão e *calabouço* para os discentes e docentes alvos de violência e bulling de gêneros, ou um novo atrativo discursivo de questões relacionadas aos implícitos nesse tópico. A escola pode se tornar a ser um espaço de (des) construção social, basta que haja ações relacionadas a não exclusão nem marginalização ou submissão violenta entre seus atores sociais.

O FATOR FEMINISTA NA SOCIEDADE

O preconceito e a discriminação da mulher no mundo não é tema estabelecido para discussões recentes, pelo contrário, situações decorrentes dessa limitação sobre a participação

efetiva da mulher na sociedade é um convite histórico que nos remete a um minucioso olhar sobre o movimento feminista.

O Movimento Feminista surge como ideologia para a luta em busca pelos direitos iguais entre homens e mulheres, a equidade entre os gêneros, respaldando primeiramente na liberdade de expressão da mulher na sociedade e de sua participação efetiva nos espaços vistos como detentores dos homens, como: política, negócios, produções científicas.

Pode-se destacar o século XIX como um importante momento para o Feminismo, a luta pelo voto feminino vai às ruas e traz a importante conquista estreitando as diferenças entre o gênero oposto. No Brasil, o feminismo ganha força no início do século XX conseguindo alcançar o direito ao voto para as mulheres, mas foi na década de 1970 que o movimento atingiu seu apogeu.

Era o período em que a liberdade da mulher passava a estampar fortemente bancas de jornais e panfletos (mantidos por organizações feministas) a fim de proliferar seus ideais de liberdade e de igualdade em relação ao homem.

O Programa *Vovozinha* da emissora de televisão pública TV Brasil, no episódio sobre feminismo – com direção de Renata Druck e roteiro de Keka Reis – demonstra o quanto duro foi a luta para que as mulheres hoje em dia possam gozar do simples ato de poder andar pelas ruas sem a companhia de um homem e não serem mal faladas, ocupar (altos) cargos administrativos, participar efetivamente da vida política do país, exercer cargos e funções dentro de uma empresa antes jamais imagináveis.

Parafraseando as palavras da antropóloga Lia Zanotta a visão da sociedade era de “uma ideia de que o feminismo era uma guerra dos sexos, mas não era, era uma guerra contra a desigualdade de gênero contra o poder único posto hegemonicamente na mão dos homens”. Embora a interpretação sobre os movimentos feministas na sociedade se apresenta – em muitos discursos – como resistência a normativa machista, muitas foram as conquistas, mas muito ainda há o que conquistar.

O movimento feminista, engajado na luta pela equidade de gênero trouxe diversos avanços à independência da mulher perante um sistema social que privilegia o homem em diversos seguimentos. Em contrapartida, o que podemos destacar no cotidiano social atualmente, é que a chama feminista sucumbiu aos modelos de repressão do século XX? A busca pelo corpo perfeito, a roupa de marca, como se vestir para agradar os olhos alheios a tantas coisas? A ditadura da moda chega fortemente atingindo a mente dos mais jovens que não (re)conhecem o valor das lutas no tempo de outrora na busca pela liberdade de pensamentos, liberdades de expressões, e beneficiam uma ideia obsoleta de uma eterna beleza

que muitas vezes, pode se desencadear em doenças e/ou agressões ao próprio corpo da mulher.

A cada discurso difundido que o cuidado com o corpo e imagem pessoal para satisfação sexual deva ser superior à preocupação com a efetiva participação feminina na sociedade deve ser revisto, principalmente, quando se trata de personalidades que tenham presença e voz diante das novas gerações. Com isso, a importância de causar reflexão sobre o tema com professores e professoras, causar a inquietude nesses personagens que, para tantos são referências de pessoas intelectuais.

O direcionamento da docência para o ‘sexo’ feminino

Embora pareça um pouco batido a distinção de sexo para as profissões este fator marca o cenário social desde muito tempo, as posturas pré-moldadas de comportamentos masculinos e femininos que acompanham a sociedade traz em si uma distinção entre as profissões e funções nas sociedades, o que viria a determinar quais eram as profissões e atividades que poderiam ser desempenhadas por homens e quais profissões e atividades deveriam ser desempenhadas pelas mulheres.

Tais convicções entre profissão de homem e de mulher veem se transformando na sociedade graças as mudanças socioeconômicas de cada época. Por exemplo, a posição de sabedoria e detentor do saber era atribuído apenas aos homens por tanto, estes eram estimulados a exercer o papel de tutor/professor, ou seja, o papel de ser professor era exclusivo dos homens por ocupar o topo intelectual da sociedade, e por apenas os homens – até certo período, serem os únicos a poderem ser alfabetizados.

Com o passar dos anos o magistério passa a ser desestimulado, e os homens tutores/professores passam a buscar outros meios de sobrevivência econômica, a partir desse momento a sociedade se molda e abre novos rumos de profissões, começam a surgir ocupações onde o homem seria mais necessário (DURÃNS, 2012).

O surgimento de novas oportunidades e crescimento que demandavam novos modelos de mão de obra, tanto ao comércio como no ramo administrativo, estes passaram a ser cargos mais atrativos e ocupados exclusivamente por homens. Esses novos horizontes que os avanços tecnológicos e econômicos proporcionavam a época, davam ao homem um leque de oportunidades e de maior enriquecimento fazendo com que aos poucos, o papel de tutor/professor fosse se esvaindo restando assim às poucas mulheres que eram alfabetizadas a

ocupar estes espaços deixados como lacunas com a entrada dos homens no novo rumo econômico.

Desse modo características que antes enalteciam o tutor/professor no magistério como uma profissão digna de saber, passa a se moldar a aspectos unicamente femininos, tornando o exercício do magistério como um braço dos serviços domésticos. A entrada da mulher no magistério transforma a visão de ensino, e passa a ser conotado como exercício de cuidado, apego e delicadezas - características femininas. A teórica Enguita aponta quatro motivos que justificariam essa transição no ramo da educação:

Primeiramente porque a carreira do magistério tem sido considerada uma atividade extra doméstica e representa uma preparação para o exercício da maternidade; (...) Em segundo lugar, os baixos salários tem afugentado, progressivamente, os homens, que tem procurado outros setores da economia como: a indústria, o comércio e a administração pública.(...) Outro aspecto se refere a tentativa de grupos dominantes utilizarem os docentes para transmitirem sua cultura e manter a ordem (...) escola pública e um dos poucos setores em que homens e mulheres tendem a receber o mesmo salário (DURÃES apud ENGUITA 1991).

O terceiro ponto que Enguita expõe, onde relata o papel do docente em manter a ordem, isso interfere no papel feminino por serem as mulheres “(...) consideradas mais conservadoras, menos ativas e mais dispostas a aceitar a autoridade e a hierarquia que os homens” (DURÃES apud ENGUITA, 1991, p. 52).

Dessa forma a entrada da mulher no papel de magistério traria uma imagem mais delicada e feminina rotulando e especificando culturalmente a quem pertenceria esta profissão. Entretanto, esse papel atribuído as mulheres se tornaram limitados ao ensino primário na sociedade passando aos homens ainda a impregnar a maior parte do currículo no ensino secundário e posteriores.

Notemos ainda nos dias atuais a separação dos sexos no ramo educacional quando nos referimos a sala de aula, são espaços compreendidos de mulheres quando voltarmos os olhares aos docentes em sala de aula do ensino fundamental menor. Isso ocorre por que os preceitos necessários para o ensino nessa faixa etária compreende conter atributos mais femininos do que masculinos.

A qualificação exigida para o trabalho docente, na sociedade capitalista, centraliza-se na base tecnológica, no controle e na

racionalização das atividades. Cultural e socialmente, esses aspectos são reconhecidos como atributos masculinos e, por sua vez, são aqueles que dimensionam o trabalho qualificado na produção capitalista. Em direção contrária, as características de cuidado, carinho, zelo e exercício de atividades de coordenação motora fina são consideradas inerentes ou inatas a mulher (DURÃES, 2012).

Dessa forma a sociedade espera que o papel de magistério das primeiras series iniciais seja ministrada por mulheres, por serem elas detentoras e delicadezas e paciência para lidar com crianças além de poder desempenhar tão bem o papel de mãe da família.

E quanto aos docentes, também atores sociais, tem essa estratégia de ensino alocada em suas raízes culturais, sendo assim portanto, algo imutável a curto prazo, porém uma discussão que deve ser inserida no interior do ambiente escolar entre os mesmos, o que os docentes estão fazendo para alterar esse cenário em si mesmos?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para cumprir com os objetivos tomamos uma pesquisa do tipo Exploratória, onde houve uma aproximação do objeto de estudo, ou seja, as crianças e professoras da escola estudada, além de um levantamento bibliográfico sobre a temática discutida. Para alcançar os resultados, nos primeiros momentos foram efetuados os procedimentos de fonte de dados bibliográficos, para dar sustento à pesquisa, para então posteriormente utilizar-se desse conhecimento para ir a campo coletar os dados.

Como técnica escolhida para o desenvolvimento da pesquisa optou-se em realizar entrevistas com as professoras da instituição e um diálogo com o grupo focal de alguns alunos e alunas de diversas salas de aula da escola. Esse contato direto com os dois grupos proporcionou uma análise também comportamental de ambos no decorrer dos questionamentos.

O método desenvolvido na pesquisa proporcionou em realizar, previamente, coletas de documentos e materiais bibliográficos a fim de explicitar a hipótese diante das relações de gênero na escola. Como sustento para análise deste projeto temos o respaldo de autores como Dinis (2008), que nos deu uma segurança no traço histórico da introdução de uma abordagem nas relações de gênero na sociedade e nas universidades, vídeos e palestras de professores e professoras que estudam as relações de gênero na sociedade e no ambiente escolar, Durães

(2012) que serviu como base para discussão sobre a feminilização do trabalho docente, entre outros.

A pesquisa buscou compreender a dinâmica existente no ambiente escolar, para isso, tomou-se como objeto para análise as dinâmicas encontradas no interior de uma escola localizada no município Campina Grande-PB. Atualmente, a escola funciona nos períodos matutino e vespertino, com salas de aula voltada a atender classes de Educação Infantil e as primeiras séries do Ensino Fundamental, a estrutura física da escola conta com: uma secretaria, que também funciona como sala dos professores; cinco salas de aula, sendo uma específica para acolher as turmas Educação Infantil; um laboratório de informática; uma biblioteca; pátio coberto na área externa das salas de aula; um almoxarifado; três banheiros, sendo um para meninos, um para meninas e um terceiro adaptado para acolher as crianças com deficiências e uma quadra coberta, onde são realizadas as aulas de educação física e recreação.

O corpo docente é composto por nove professoras – sim, todas mulheres – divididas entre os três turnos de funcionamento da instituição, neste caso cabe ainda informar que três das professoras exercem função em sala de aula durante os dois turnos. Quanto a formação das docentes cabe dizer que três já possuem o curso superior de Licenciatura em Pedagogia, especialização e algumas com mestrado na área de educação.

Resultados e discussões

Independente do nível de ensino que alguém possa estar cursando, o papel fundamental da instituição escola é transformar de transformar indivíduos em cidadãos e cidadãs, dotados de saberes éticos e legislativos que o apoderam de seus direitos e deveres na sociedade, em casa, no trabalho.

O objeto de pesquisa deste trabalho é o ambiente de uma escola da rede municipal de ensino de Campina Grande/PB e as relações de gênero que ocorrem em seu interior entre os principais atores do local, alunos, alunas e professoras.

No primeiro contato com as profissionais da instituição pode-se notar a generalidade docente que existe nesta escola, onde todo quadro de docente é composto por mulheres.

As mulheres se tornam a melhor figura para educar em sala de aula a partir do século XX, com o preceito de terem em sua natureza um dom especial para transmitir o papel daquela que acata ordens sem excitação, sendo elas vistas na época como figuras predominantes de perfil conservador e não ameaçador (DURÃES *apud* ENGUITA 1991,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

p.282). Neste sentido, explica-se o porquê de se encontrar quase que unicamente professoras nos quadros docentes das primeiras séries do ensino fundamental, ainda como traço da herança cultural cultivada no início do século XX.

No decorrer da semana de visitação a escola, houve vários momentos de diálogos com as professoras, o primeiro contato obtido foi estipulado por um breve acompanhamento de suas atividades em sala de aula. A cada dia, no intervalo de uma semana, essa breve observação das aulas revelavam o interior da sala de aula situações, problemas e vivências que despertavam inquietudes onde posteriormente serviram como conteúdo para entrevistar as docentes.

A escola acolhe neste ano de 2019 um número de matrículas considerado alto para a instituição, são 297 alunos matriculados, as quantidades de alunos e alunas matriculados quanto a série e gênero variam, estes dados estão expostos no quadro a seguir:

	Pré I	Pré II	1º ano A e B	2º ano A e B	3º ano A e B	5º ano	TOTAL
Meninos	15	17	22	19	26	15	114
Meninas	20	12	30	29	32	20	143

Quadro 01: Relação de quantidade de alunos e alunas por série diurno.
Fonte: Campo. 2019.

A quantidade de alunos e alunas em sala é considerável em cada sala de aula. Alguns momentos marcantes em no momento de observações renderam conteúdo para uma posterior entrevista com cada docente. As entrevistas revelaram situações problemas vindas da cultura familiar diretamente, quando questionei a professora do 5º ano sobre alguma situação que despertasse a diferenciação entre meninos e meninas na sala de aula a mesma me cita um acontecimento constante quando se trata em trabalhos de equipe “Sim! *Existe um caso na sala onde uma mãe no início do ano letivo recomendou que a filha só fizesse trabalhos de equipe com meninas, e se colocasse para fazer com meninos correria o risco da criança nem fazer a atividade*”.

Neste relato temos uma recomendação da família da menina sobre o afastamento dela com qualquer outro menino em caso de realização das atividades escolares. Nesse enredo a própria família cria uma situação separatista entre gêneros, essa relevância na supervisão de contato com meninos pode se apresenta como sinônimo de erotização da criança. Ao questionar a professora de como ela age nessa situação “*Não dá pra agir né!? São os pais,*

não posso desafiar, e a escola já chegou a tentar conversar de fazer as atividades pelo menos na sala de aula com a supervisão de professores, mas ela foi bem enfática, não e não! ”

Outro caso semelhante a este foi notado no relato da professora da turma do 2º ano nas atividades de educação física *“Tem uma mãe que veio a mim, no início do ano, avisar que não deixasse a filha dela brincar com os meninos por que os meninos brincam de luta e a filha dela não prestava para brincar dessas coisas”*.

No caso da professora do 2º ano pode-se identificar a preocupação da mãe de sua aluna frente a postura masculinizada dos meninos, ou seja, a representação social de como age o menino, de maneira agressiva e de dominação, e desta conclusão a mãe entende que pode machucar sua filha pois a ela estão implantados os padrões de feminilidades, uma menina tranquila submissa, símbolo de obediência e quietude.

Ao entrevistar a professora da sala do 1º ano ela conta que *“uma das meninas no início do ano tinha dificuldade na relação com as demais meninas, preferia brincar e se envolver nas conversas com os meninos, ela dizia que as meninas eram mais paradas e não tinha graça brincar assim”*. Ao questionar a sua postura diante da decisão da menina em preferir brincar com os meninos ela respondeu da seguinte forma *“Ela é muito interativa, não para quieta na sala, as vezes chega a fazer as atividades de pé por que se recusa a ficar sentada, é compreensível que sentar-se em um canto para brincar de boneca não fosse atrativo pra ela...digo assim, se pra ela é mais divertido brincar de correr ao invés de sentar com uma boneca nas mãos, então que se priorize a diversão”*.

A professora do 1º ano apresenta dessa forma um rompimento nas permissões dos padrões de masculinidades e feminilidades, ela caracteriza a menina com perfil mais inquieto, e, como ela mesmo comenta *“Ela é muito interativa”*. Dessa forma a aceitação da personalidade da criança permite com que ela se fortaleça quanto indivíduo e proporciona verdadeiros momentos de diversão, independente do grupo com ela se envolva seja o esperado ou não.

Em um outro momento foi possível reunir em uma sala da escola um grupo de quatro crianças, sendo dois da turma de 5º ano e dois da turma de 1º ano. Esse encontro foi proposto com o objetivo de entender um pouco do universo infantil daquelas crianças, sobre as relações de gênero que envolvem o cotidiano escolar.

A primeira questão a ser lançada verte sobre a interação entre meninos e meninas na sala de aula, como elas se comportavam:

A1	<i>Eu brinco com todo mundo, meus colegas são muito legais.</i>
A2	<i>Eu também brinco, mas gosto de brincar mais com B. por que a gente trás o boneco pra brincar na hora do recreio...quando ele não fica na sala terminando a tarefa.</i>
A3	<i>Eu brinco, só não gosto muito de brincar com G. ele empurra a gente quando corre, pode machucar, aí quando ele chega prefiro nem brincar, mas as vezes brinco.</i>
A4	<i>Só não gosto de brincar com as coisas de meninas, mas brinco com elas quando eles vem brincar com a gente.</i>

Logo em seguida questionei o que achavam da forma com que as aulas e educação física eram realizadas na escola, pedi que me dessem exemplos de alguma aula que eles gostaram:

A1	<i>Eu gosto de todas, é quando tia bota a gente pra brincar depois do recreio já ter terminado, é muito bom.</i>
A2	<i>É... gosto sim</i>
A3	<i>Eu goto também, teve uma vez que a professora separou a gente em um monte de grupos pra brincar de baleada, eu me juntei com C. O. e K.a gente tirou uma equipe nesse dia, mas o grupo dos meninos tirou a gente depois com um bolada na perna de K.</i>
A4	<i>É muito bom, teve um dia que tia fez um...botou os bambolê no chão com uns bancos pra gente correr, pular nos bambolê, e passar por debaixo do banco pra poder ir voltar e o outro vim, gostei desse dia.</i>

As atividades de educação física na escola são proporcionadas pelas próprias professoras de sala de aula, com isso, há um enorme assedio para chegar o dia de sexta-feira – dia das aulas de educação física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida foi um levante popular que esmiuçou as discussões sobre gênero na sociedade, as manifestações ocorridas em torno do século XX trouxeram consigo uma nova visão e representatividade do feminino e masculino, levantando os questionamentos acerca das masculinidades e das feminilidades, mas principalmente de luta feminina frente a opressão e submissão do sexo oposto. Embora fossem vistas e taxadas como escória naquela época, as mulheres que lutavam por igualdade de gênero não se intimidavam facilmente depois de tanto tempo silenciadas.

Os movimentos feministas que trouxeram ideais de equidade de gênero até os dias atuais lutam pela participação efetiva das mulheres na sociedade. Suas lutas que tomaram espaços nas universidades fortemente nas décadas de 70 e 80 traçaram um rumo altruístico ao movimento.

Essas ações e rompimentos de tabus transformaram a imagem simples de uma doméstica frágil, da mulher perfeita aos seus maridos em uma personagem que se distinguia dos outros por se levantar e querer ser igual, ser reconhecida e valorizada por suas ações.

Para que a efetiva luta do movimento feminista continue é preciso propagar os ideais de equidade de gênero às novas gerações, para isso, os/as jovens devem estar atentos (as) e não se deixar levar pelas reproduções de menosprezo e submissão feminina na sociedade.

A escola surge como espaço estratégico para dar continuidade nessa transformação, pois é na escola onde a representatividade mais fiel da sociedade se encontra aglutinada em um mesmo espaço, classes, cores e culturas se misturam e podem ser trabalhadas juntas por uma sociedade que traga melhor qualidade de vida e convicção no papel de cidadania do indivíduo.

Para tanto, é necessário que os protagonistas do saber dentro do ambiente escolar, os professores e professoras, possam dar maior relevância ao tema, pois, não se trata apenas de um grito para a dependência feminina da segunda metade do século XX, mas sim da continuidade das conquistas que estes gritos conquistaram até os dias de hoje.

Na pesquisa foi possível notar o quanto é grande ainda a influência de uma cultura heterocentrica nos lares das crianças da escola pesquisada, praticamente em cada sala de aula há pelo menos uma forte evidência da repercussão de uma cultura que fragiliza a mulher atenuando a ela o papel de frágil e serva.

Por outro lado, foi possível interpretar que a professora entrevistada tem a total consciência do papel que a escola poderia desempenhar na vida dessas crianças desmistificando uma ideia perversa de submissão da mulher frente a algumas atividades ditas masculinas. A escola, por sua vez, busca um diálogo formal para intervir na situação, embora nem sempre repercuta da maneira esperada.

REFERÊNCIAS

AVILA, André H.; TONELI, Maria Juracy F.; ANDALÓ Carmen S. de. A. Professores diante da sexualidade-gênero no cotidiano escolar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 289-298, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n2/a12v16n2.pdf>. Acessado em: 15 de jul. de 2015.

DINIS, Nilson Fernandes. **EDUCAÇÃO, RELAÇÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acessado em: 26 de outubro de 2015.

DURÃES, Sarah Jane Alves. **Sobre algumas relações entre qualificação, trabalho docente e gênero.** *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 118, p. 271-288, jan.-mar. 2012. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

LOURO, G. L. **Currículo, Gênero e Sexualidade.** 1ed. Porto: Porto Editora, 2000. 111p.

MONTEIRO, Douglas. **Além das Evidências: A Manifestação das Relações de Gênero a Partir do Lugar.** IN II Seminário Latino-Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades: Interseccionalidade, Gênero e Sexualidades na Análise Espacial. Porto Velho-RO. 2014. Pag. 554-570.

OLIVEIRA, Niara de. **A Vovozinha e o Feminismo.** Enviado em 22 de fevereiro de 2012. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=HcOD-6ruKWM>> Acessado em: 09 de março de 2015.

YOU TUBE. **Educação para sexualidade, equidade, gênero Parte 1.** Enviado em 14 de junho de 2011. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=kpFtf9caQX8>> Acessado em: 07 de novembro de 2015.

_____. **Educação para sexualidade, equidade, gênero Parte 2.** Enviado em 14 de junho de 2011. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=3HckRkBZT7Y>> Acessado em: 07 de novembro de 2015.

_____. **Educação para sexualidade, equidade, gênero Parte 3.** Enviado em 14 de junho de 2011. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=4Qu0hhqyNa4>> Acessado em: 07 de novembro de 2015.

_____. **Educação para sexualidade, equidade, gênero Parte 4.** Enviado em 14 de junho de 2011. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=zIkixmTiOMs>> Acessado em: 07 de novembro de 2015.

_____. **Educação para sexualidade, equidade, gênero Parte 5.** Enviado em 14 de junho de 2011. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=zDNeKBe82Mo>> Acessado em: 07 de novembro de 2015.

_____. **Educação para sexualidade, equidade, gênero Parte 6.** Enviado em 14 de junho de 2011. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=lpW0WYrqGrY>> Acessado em: 07 de novembro de 2015.